

WITTGENSTEIN E A DELIMITAÇÃO LÓGICO-LINGUÍSTICA DO MUNDO NO *TRACTATUS*

WITTGENSTEIN AND THE LOGICAL-LINGUISTIC DELIMITATION OF WORLD IN THE TRACTATUS

Francisco Jozivan Guedes de Lima¹

Resumo: O artigo pretende examinar a delimitação lógico-linguística do mundo no *Tractatus* de Wittgenstein. A ideia central é que o mundo enquanto totalidade dos fatos é *representado* logicamente e *apresentado* a partir de proposições. Entre mundo e linguagem existe uma relação de reciprocidade porque os limites de um estão ligados aos limites do outro.

Palavras-chave: Tractatus. Lógica. Linguagem. Mundo.

Abstract: This paper aims to examine the logical-linguistic delimitation of world in the Wittgenstein's *Tractatus*. The central idea is the world as totality of facts is logically represented and presented from propositions. Between world and language there is a reciprocal relationship because the limits are connected each to other.

Keywords: Tractatus. Logic. Language. World.

1. Introdução

Em 1918, logo no prefácio do *Tractatus*, Wittgenstein (1989-1951) deixa claro que o objetivo de seu escrito consiste em *traçar os limites para o pensar (ou para as expressões do pensamento) a partir dos limites da linguagem*. “Poder-se-ia talvez apanhar todo o sentido do livro com estas palavras: o que se pode em geral dizer, pode-se dizer claramente; e sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar” (WITTGENSTEIN, 1994, p. 131), algo que ele repete no último aforisma da obra para, assim, encerrar as reflexões sobre os limites lógicos da linguagem e do mundo. Como bem observa Edgar Marques (2005, p. 15), o *Tractatus* constitui “[...] uma tentativa de determinação dos limites daquilo que pode ser pensado, através de uma delimitação do que pode ser dito por meio da linguagem”, pois o pensamento é exprimível através de proposições linguísticas.

O *Tractatus* foi um livro gestado a partir de manuscritos baseados em reflexões quando Wittgenstein servia ao exército austro-húngaro na Primeira Guerra Mundial.

¹ Doutorando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC/RS. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará – UFC. E-mail: jozivan2008guedes@gmail.com

Finda a Guerra e de retorno à Áustria, ele propusera a publicação de seu escrito a editores de Viena, todavia não obteve sucesso em sua tentativa. Esse cenário começa a mudar quando as cópias chegam à Inglaterra, especificamente às mãos de Bertrand Russell. Russell fizera a introdução ao livro – apesar da sua assimilação de algumas teses serem questionadas por Wittgenstein – e Moore sugeriu que, ao invés do título em alemão (*Logisch-Philosophische Abhandlung*), se pusesse o título em latim – *Tractatus Logico-Philosophicus* – como uma alusão ao *Tractatus Theologico-Politicus* de Spinoza. Finalmente em 1922 foi lançada uma edição bilíngue pela editora Routledge, com o título sugerido por Moore.

A tipologia do *Tractatus* tem uma característica atípica quando comparada àquelas mais vistas nas grandes obras filosóficas: ele não é hermeticamente sistemático. É escrito através de aforismas, sentenças curtas e soltas, porém dotadas de um grande sentido. Comumente cada aforisma contém uma tese central. Além disso, neles não são citadas fontes ou esboçados diálogos com outros filósofos, com exceção de Frege e Russell, segundo o próprio autor os principais influenciadores da obra aqui em questão. Ao que parece, Wittgenstein não está interessado em ocupar o panteão dos grandes filósofos; não quer ser original: parece querer simplesmente expressar suas teses sobre os limites da linguagem acerca do mundo. Como ele (1994, p. 131) mesmo deixa claro, “[...] o que escrevi aqui não tem, no pormenor, absolutamente nenhuma pretensão de originalidade; e também não indico fontes, porque me é indiferente que alguém mais já tenha, antes de mim, pensado o que pensei”.

Talvez devido às frustrações advindas das rejeições acerca da publicação do seu escrito, Wittgenstein não fora capaz de prever o impacto que o *Tractatus* ocasionaria para a filosofia de seu tempo e até mesmo o legado que ele deixaria para a filosofia posterior. Na compreensão deste artigo, o *Tractatus Logico-Philosophicus* de Wittgenstein ocupa, dentro da história da filosofia contemporânea, um espaço revolucionário com um impacto símile ao provocado pelo criticismo kantiano e sua filosofia transcendental na modernidade². Se em Kant temos uma delimitação epistemológica sobre o que podemos conhecer (fenomênico) e sobre o que não podemos (noumênico), em Wittgenstein temos uma delimitação lógico-linguística sobre o que podemos dizer e aquilo que a nossa linguagem não alcança, isto é, o místico ou o

² Essa é uma tese defendida por David Pears. Para ele, assim como Kant, porém pela via da linguagem, Wittgenstein teve como preocupação fundamental a demarcação lógico-linguística do mundo. Cf. Pears (1973, p. 14).

inefável. Desse modo, seria minimamente plausível dizer que Wittgenstein também operacionalizou uma reviravolta copernicana na filosofia, pois na sua concepção o mundo é demarcado pelos limites e alcance da linguagem – como em Kant fora demarcado pelos limites do conhecimento.

Sendo assim, podemos dizer que o objetivo fundamental da filosofia tractatiana é estabelecer as condições lógico-transcendentais de possibilidade da linguagem. Entendida assim, esta filosofia está localizada acima ou abaixo das ciências naturais, mas não ao lado delas (4.111). Com efeito, ao estabelecer as condições de possibilidades da linguagem, a filosofia tractatiana estabelece ao mesmo tempo as condições de possibilidade das linguagens dessas ciências. (PINTO, 1998, p. 144)

A partir do *Tractatus* tornou-se forte dentro da filosofia analítica a tese que um empreendimento filosófico para obter êxito não pode prescindir de uma análise rigorosa da dimensão da lógica da linguagem, pois pensar o ilógico é um contrassenso; para Wittgenstein os principais problemas da filosofia advêm de contrassensos. As clássicas questões de Górgias, a saber, [*não há algo*], [*e se há, não podemos conhecê-lo*], [*e se conhecemos, não podemos expressá-lo*], encontra no *Tractatus* o seu acabamento e coroamento final: a pergunta sobre as condições de expressabilidade do ser, dos objetos e do mundo.

2. A relação entre lógica e mundo: o mundo enquanto totalidade dos fatos

Para o *Tractatus*, entre lógica e mundo há uma relação de reciprocidade: os limites do mundo são os limites da lógica e os limites da lógica são os limites do mundo. Como esclarece o próprio autor (1994, 5.61³): “a lógica preenche o mundo; os limites do mundo são também seus limites. Na lógica, portanto, não podemos dizer: há no mundo isso e isso, aquilo não”. Ou seja, a lógica não pode extrapolar os limites do mundo.

A ratificação dessa tese se encontra no aforisma 6.3, quando Wittgenstein afirma que *fora da lógica é tudo um acaso* (*Und ausserhalb der Logik ist alles Zufall*). Isso significa que não há como pensar o mundo fora dos limites da lógica. “Não podemos

³ Salvo a paginação que se remete à introdução do *Tractatus*, suas demais citações serão referenciadas a partir da numeração relacionada aos próprios aforismas para, assim, ser o quanto mais fiel ao escrito de Wittgenstein e ao uso internacional que se faz da referida obra nos meios acadêmicos.

pensar nada de ilógico, porque, do contrário, deveríamos pensar illogicamente” (WITTGENSTEIN, 1994, 3.03). No mundo – mediado linguisticamente – não há o ilógico; nada foge ao escopo da lógica. Eis aqui, portanto, o cerne do logicismo tractatiano, devedor da lógica de Frege⁴ e Russell: falar sobre o mundo já é, de saída, configurá-lo logicamente.

A lógica em Wittgenstein (1994, p. 5.551-5.552) aparenta ter duas dimensões: uma *a priori* e outra *a posteriori*. A primeira dimensão diz que *toda questão que se possa decidir por meio da lógica deve poder-se decidir de imediato*, isto é, sem a mediação da realidade empírica; com isso se defende que *a lógica é anterior à experiência*. Já a segunda dimensão, *a posteriori*, diz respeito à aplicação (*Anwendung*) da lógica. Como expressa o próprio Wittgenstein (1994, 5.557): “a aplicação da lógica decide a respeito de quais proposições elementares existem. [...]. Isto é claro: a lógica não pode colidir com sua aplicação”.

A lógica encerrada em si mesma, sem a dimensão da aplicação, pode resultar em meras tautologias. A aplicação da lógica é *per se* uma semântica, pois pressupõe que as proposições estejam conectadas com o mundo atestando, assim, a interrelação entre lógica e semântica como um componente filosófico imprescindível dentro do *Tractatus*, algo que indubitavelmente incide sobre o próprio conceito de mundo.

O mundo é pensado por Wittgenstein (1994, 1.1) como “a *totalidade dos fatos e não das coisas*”. A totalidade dos fatos determina o que é o caso e também o que não é o caso; determina aquilo que ocorre ou não ocorre. O mundo enquanto totalidade dos fatos significa que é um mundo onde os objetos estão interligados e não desconexos. Não se pode pensar em objetos fora de sua ligação com os outros.

Dentro do *Tractatus*, os fatos pressupõem que os objetos são representados logicamente, isto é, são afigurados. Nesse sentido, como não é possível o ilógico no mundo, todos os objetos são inescapavelmente figurados, isto é, são *fatos (Tatsachen)*. O mundo subsumido à lógica é, simultaneamente, o mundo expresso mediante a linguagem, de um modo que objetos, proposições e lógica se articulam. Segundo Granger (1985, p. 75): “para Wittgenstein, a única linguagem dotada de sentido é,

⁴ Nas *Investigações Lógicas*, Frege apresenta quatro distinções precípuas entre ideia e mundo exterior: (i) Diferente do mundo e das coisas sensíveis, as ideias não podem ser vistas, tocadas, ouvidas, degustadas e cheiradas; (ii) as ideias têm a si mesmas, pois são frutos da consciência; (iii) as ideias precisam de um portador, enquanto que as coisas do mundo exterior são independentes; (iv) cada ideia tem um portador, isto é, dois sujeitos não podem ter exatamente a mesma ideia. Cf. Frege (2002, p. 23-25).

portanto, aquela que produz uma imagem do mundo, ou seja, cuja forma lógica reflete a estrutura dos fatos”.

Um aspecto fulcral resultante da relação lógico-semântica entre linguagem e mundo e da concepção do mundo enquanto totalidade dos fatos – enquanto um mundo lógico e linguisticamente representado – é aquilo que o próprio Wittgenstein (1994, 5.6) cognomina de “solipsismo”, expresso na seguinte tese: “os limites de minha linguagem significam os limites do meu mundo”. O que está à mostra aqui é que só se pode falar acerca daquilo que se tem experiência. Se em Kant o sujeito cognoscente só tem certeza acerca de fenômenos (*Das Ding für mich*), em Wittgenstein de uma forma bem símile o sujeito só tem certeza acerca daquilo que sua linguagem abarca quando constitui uma relação de afiguração com o mundo.

Wittgenstein (1994, 5.64) ressalta que seu solipsismo linguístico coincide com o realismo porque o sujeito só é capaz de *pensar* e *dizer* algo acerca da realidade que ele vê e afigura (representa). Ou seja, na compreensão semântica do *Tractatus*, o sujeito não pode falar de um mundo fora das possibilidades lógicas e, conseqüentemente, fora do real.

3. A teoria proposicional do *Tractatus* e a centralidade da afiguração (*Abbildung*)

A lógica que perpassa todo o *Tractatus* é, no dizer do próprio Wittgenstein (1994, 6.13), uma *lógica transcendental* porque ela “[...] não é uma teoria, mas uma imagem especular do mundo”; transcendental e especular no sentido que ela, mediante proposições, afigura o mundo.

A teoria proposicional wittgensteiniana tem como ideia central a tese que “a proposição é uma afiguração da realidade. A proposição é um modelo da realidade tal como pensamos que seja” (WITTGENSTEIN, 1994, 4.01). Compreender o mundo é compreender a proposição, já que o cerne de uma proposição é afigurar, representar, descrever um estado de coisas ou a totalidade dos fatos. Isso implica que o mundo só tem sentido por meio de proposições.

O objetivo precípua das proposições é comunicar um sentido. Elas são sempre articuladas logicamente, haja vista o acaso e o ilógico no mundo mediado pela linguagem ser um contrassenso. “Só a proposição tem sentido; é no contexto da proposição que um nome tem significado” (WITTGENSTEIN, 1994, 3.3). Nesse sentido, o *Tractatus* é bem original na medida em que ressignifica e inaugura um novo

conceito de pensamento: “pensamento é a proposição com sentido” (WITTGENSTEIN, 1994, 4). Isso pressupõe que fazer epistemologia, filosofia da mente, metafísica ou outra tipologia filosófica requer considerar a proposição e, concomitantemente, a linguagem como *conditio sine qua non* de toda e qualquer atividade reflexiva. Pensar é de saída expressar-se, mesmo que tacitamente, por meio da linguagem.

O que não se pode marginalizar numa investigação acerca do *Tractatus* é que tal escrito é perpassado por um analiticismo e atomismo linguístico, pois Wittgenstein (1994, 4.024) não “abre mão” da tese que “entende-se uma proposição caso se entendam suas partes constituintes”. Robert Fogelin (2004, p. 14) fala de um “atomismo ontológico” no *Tractatus* para se referir à tese que em tal obra o mundo ainda é entendido a partir da análise das proposições que o figuram. Ou seja, a compreensão acerca do sentido de uma proposição ainda é devedora de uma semântica e de uma sintaxe. Portanto, ainda não há aí uma pragmática – algo devidamente trabalhado nas *Investigações*⁵.

As proposições são formas lógicas de afigurar o mundo. Como deixa claro o próprio Wittgenstein (1994, 2.12): “a figuração é um modelo de realidade”. Ela consiste numa representação proposicional do mundo. Por isso, há uma conexão estreita no *Tractatus* entre proposições (linguagem) e representações (lógica).

A afiguração tem um peso semântico forte porque sua característica fundamental é fazer a ligação com o mundo. “A figuração afigura a realidade ao representar uma possibilidade de existência ou inexistência de estados de coisas” (WITTGENSTEIN, 1994, 2.201). Ela recorta o mundo em fatos, isto é, num mundo traçado e delimitado logicamente pelos limites da linguagem. Assim, só se pode afigurar aquilo que a linguagem alcança; do contrário, a figuração será falsa.

Três aforismas ratificam veementemente o peso semântico (relação entre lógica-linguagem-mundo) da afiguração: (i) “A figuração concorda ou não com a realidade; é correta ou incorreta, verdadeira ou falsa” (WITTGENSTEIN, 2.21); (ii) “para conhecer se a figuração é verdadeira ou falsa devemos compará-la com a realidade”

⁵ Contrapondo-se ao atomismo linguístico, Quine propõe um holismo semântico: um enunciado não tem seu significado isolado, mas dentro de um sistema linguístico global que pressupõe uma vinculação com o mundo concreto de cada nativo, algo que vai muito além da mera análise proposicional. Um exemplo disso está no problema da “tradutibilidade radical” – (tradução de uma língua de um povo ainda não tocado) – apresentada em *Word and Object* (1960), onde Quine erige a tese fundamental que não há uma gramática universal de palavras que bastassem apenas ser etiquetadas em determinados objetos. Cf. Quine (2010, p. 53).

(WITTGENSTEIN, 2.224); (iii) “uma afiguração verdadeira *a priori* não existe” (WITTGENSTEIN, 2.225).

Na compreensão de Manfredo Oliveira, “a tese fundamental de Wittgenstein é que a linguagem *figura o mundo* sobre o qual ela fala e a respeito do qual nos informa” (OLIVEIRA, 1996, p. 96). Ou seja, toda linguagem é, nesse sentido, uma representação lógica de objetos, e tal representação ou afiguração torna tal objeto um *fato* (*Tatsache*), isto é, um objeto mediado linguisticamente – daí Wittgenstein definir o mundo como a totalidade dos fatos.

4. A filosofia como analítica da linguagem e suas implicações éticas

Qual o lugar da filosofia dentro do *Tractatus*? Entre as proposições, Wittgenstein (4.11-4.111) é categórico em sustentar a tese que *a totalidade das proposições verdadeiras é toda a ciência natural (ou a totalidade das ciências naturais)*, e que *a filosofia não é uma ciência natural*, logo ela não produz teorias acerca do mundo, ela deixa o mundo como está; sua tarefa é apenas esclarecer o sentido das proposições. Filosofia é, desse modo, filosofia analítica:

O fim da filosofia é o esclarecimento lógico dos pensamentos. A filosofia não é uma teoria, mas uma atividade. Uma obra filosófica consiste essencialmente em elucidar. O resultado da filosofia não são ‘proposições filosóficas’, mas é tornar proposições claras. Cumpre à filosofia tornar claros e delimitar precisamente os pensamentos, antes como que turvos e indistintos. (WITTGENSTEIN, 1994, 4.112)

Pensar a filosofia como elucidar proposições tem como pressuposto a tese que os problemas filosóficos são problemas oriundos da incompreensão acerca do funcionamento lógico da linguagem: “A maioria das proposições e questões que se formularam sobre temas filosóficos não são falsas, mas contrassensos. [...]. A maioria das questões e proposições dos filósofos provém de não entendermos a lógica de nossa linguagem” (WITTGENSTEIN, 1994, 40031).

Quanto mais simples a linguagem, melhor ela descreve o mundo. Nesse sentido, para o autor, a linguagem ordinária (comum) é a linguagem fundamental. Como ele mesmo escreve numa carta dirigida a Moritz Schlick num domingo 22 de dezembro de 1929: “eu penso que em geral existe apenas uma linguagem e ela é a linguagem

ordinária. Nós não precisamos inventar uma nova linguagem ou construir um novo simbolismo”⁶ (WAISMANN, 1989, p. 45, tradução nossa).

À medida que o filósofo desfaz as ambiguidades e os contrassensos da linguagem e, concomitantemente, esclarece satisfatoriamente o sentido das proposições, ele dirime os problemas filosóficos. Assim como será dito posteriormente nas *Investigações*, no *Tractatus* a tarefa da filosofia é lutar contra o enfeitiçamento da linguagem. A tese de Wittgenstein da filosofia como instância esclarecedora de proposições, sem sombra de dúvidas, causa impacto a toda uma tradição filosófica, seja àqueles que concebiam a filosofia como uma atividade teórica ou como práxis transformadora do mundo. Pensar a filosofia como analítica e como teoricamente neutra – já que ela não produz teorias – é uma proposta inovadora e, concomitantemente, passível de muitas críticas.

Wittgenstein (1994, 6.53) salienta que a filosofia deve desempenhar sua tarefa expositiva respeitando os limites da linguagem, isto é, os limites do dizível e do indizível:

O método correto da filosofia seria propriamente este: nada dizer, senão o que se pode dizer; [...] e então, sempre que alguém pretendesse dizer algo de metafísico, mostra-lhe que não conferiu significado a certos sinais em suas proposições. Esse método seria, para ele, insatisfatório – não teria a sensação de que lhe estivessemos ensinando filosofia; mas esse seria o único rigorosamente correto.

Fazer filosofia ultrapassando os limites da linguagem é um contrassenso. Nesse sentido, o *Tractatus* tem o mérito de delimitar semanticamente – a partir dos limites do mundo enquanto totalidade dos fatos – o jogo de conceitos, as terminologias e proposições filosóficas de modo que se fale daquilo que está logicamente legitimado a falar. Com isso, emerge uma questão central: quais seriam as implicações da delimitação lógico-linguística do mundo para problemas concernentes à ética? Como essa versão analítica pensaria as questões em torno do sentido da vida, por exemplo?

Os neopositivistas do Círculo de Viena fizeram uma leitura do *Tractatus* de um modo excessivamente antimetafísico, validando a supremacia máxima do saber da ciência natural como se as proposições *com sentido* fossem apenas as científicas, portanto aquelas passíveis de verificabilidade. Mas o próprio Wittgenstein (1994, 6.52)

⁶ “Ich glaube, dass wir im Wesen nur eine Sprache haben und das ist die gewöhnliche Sprache. Wir brauchen nicht erst eine neue Sprache zu erfinden oder eine Symbolik zu konstruieren”

– contrapondo-se ao equívoco interpretativo do Círculo – é claro em afirmar: “sentimos que, mesmo que todas as questões científicas possíveis tenham obtido resposta, nossos problemas de vida não teriam sido sequer tocados”; isso para dizer que o sentido da vida salta para o ético e para o religioso, instâncias que estão para além dos limites da linguagem.

O *Tractatus* tem uma conotação correspondencialista forte que demanda uma interação semântica entre linguagem e mundo, o que pode dar plausibilidade, mesmo que mínima, ao seu uso pela teoria da verificabilidade empreendida pelo Círculo de Viena. O que poderia, de fato, distanciar Wittgenstein do neopositivismo é a problemática acerca do sentido da vida. Enquanto que para o neopositivismo tudo é redutível ao escopo da ciência⁷ e à comprovação, para Wittgenstein o sentido da vida e do mundo escapa à ciência e ao próprio mundo e, por assim dizer, à própria linguagem.

Indo nessa mesma direção intelectual, Urbano Zilles (2001, p. 34) defende que o problema acerca do sentido e, concomitantemente, a relevância dada à metafísica, separam significativamente o neopositivismo lógico do Círculo de Viena e o *Tractatus*:

Entre o Wittgenstein do *Tractatus* e o positivismo lógico do *Círculo de Viena* há, também, divergências profundas, as quais merecem toda a atenção. O positivismo lógico não adotou sua *teoria da figuração* e rejeitou totalmente as proposições metafísicas. [...]. Separando a ciência e a vida, Wittgenstein, de maneira alguma, quer dizer que a última não exista ou que seja menos real que a primeira. Apenas diz que a ciência é clara, não a vida. A metafísica pertence à vida.

Os equívocos em torno do *Tractatus* no que toca à questão da ética, da religião ou do sentido da vida, são corroborados, sobretudo, quando se lê o último aforisma: “sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar”⁸ (WITTGENSTEIN, 1994, n. 7). Alguns tentam a partir daí acusar Wittgenstein de ateísmo, ceticismo, etc. Entretanto, o próprio autor (1994, 6.51) se contrapõe ao ceticismo afirmando que ele é refutável e é um contrassenso porque “[...] se pretende duvidar onde não se pode perguntar. Pois só pode existir dúvida onde exista uma pergunta; uma pergunta, só onde exista uma resposta; e esta só onde algo *possa ser dito*”.

⁷ De acordo com Stuart Shanker (1997, p. 20), o maior problema do Círculo de Viena com relação a Wittgenstein foi interpretar de modo imediato o *Tractatus* como antimetafísico e rigorosamente verificacionista como se tudo fosse redutível tão-somente à ciência natural.

⁸ Segundo Stenius (1996, p. 225), ao fechar o *Tractatus* com essa tese, Wittgenstein determina o silêncio e retorna à filosofia como uma experiência de vida que o leva para além de si mesmo, para uma atividade que o conecta ao inefável, ratificando assim a dimensão mística da obra.

Deus, a ética, o sentido da vida, não podem estar no mundo afigurado lógico e linguisticamente porque a afiguração se dá mediante proposições elementares, isto é, proposições simples que encontram sua verdade quando o objeto afigurado (representado) encontra-se de fato no mundo. Wittgenstein (1994, 6.432) é irresoluto na sua tese que “Deus não se revela *no* mundo”. Entretanto, na proposição, é resoluto ao concluir que “há por certo o inefável. Isso se mostra, é o Místico” (WITTGENSTEIN, 6.522).

O Místico⁹ ou o indizível (*Unaussprechliches*) é irreduzível à linguagem, não se limita a qualquer figuração ou proposição; escapa a qualquer delimitação científica. Portanto, o sentido do mundo não se encontra no mundo, mas fora dele (WITTGENSTEIN, 1994, 6.41). Com isso, Wittgenstein rejeitou a metafísica enquanto sistema filosófico, mas não como experiência de vida. Para Zilles (2001, p. 53), o sentido da vida não é mensurável, é infinito, é experimentável pela capacidade de transcendência de cada indivíduo: “O místico mostra-se, em última análise, na ação. A religião não é uma doutrina, mas uma maneira de existência”.

Portanto, se o sentido da vida salta à ciência e à linguagem, conseqüentemente os dilemas éticos ou mesmo as fundamentações normativas não têm seu sentido e sua legitimidade no mundo. Para Wittgenstein (1994, 6.42) a ética é *transcendental*, isto é, seu sentido está fora do mundo. “É por isso que tampouco pode haver proposições na ética. Proposições não podem exprimir nada de mais alto”. Proposições exprimem apenas o mundo como ele é (descritividade - naturalismo) e não como deveria ser (prescritividade - normativismo).

5. Considerações finais

Como foi demonstrado nas páginas supracitadas, o *Tractatus* de Wittgenstein foi incisivo dentro da filosofia, sobretudo por demarcar os limites do mundo a partir da lógica e da linguagem. Entre lógica e mundo há, assim, uma relação de reciprocidade de modo que os limites de um incidem sobre os limites do outro e vice-versa.

No mundo enquanto totalidade dos fatos pensar o ilógico é um contrassenso, é um acaso, pois o mundo está afigurado logicamente através da linguagem. A afiguração ou representação do mundo se dá mediante proposições e, conseqüentemente, captar o

⁹ Na análise de Barrett (1994, p. 129), o místico para Wittgenstein é algo *sem sentido* porque extrapola os limites da linguagem e esta não é capaz de expressá-lo em termos lógicos e proposicionais.

sentido do mundo requer, *semanticamente*, a análise da relação entre a afiguração e a coisa afigurada e, *sintaticamente*, a análise do sentido da proposição em si mesma.

Disso resulta que a filosofia é concebida como uma *analítica da linguagem*. Ela não é uma teoria acerca do mundo, pois ela deixa o mundo como ele é; sua função não é transformar o mundo, não é uma práxis, mas sua incumbência consiste simplesmente em apresentar o mundo. É, assim, uma atividade explicitativa e tem como objetivo central o esclarecimento das proposições, haja vista os problemas filosóficos resultarem de incompreensões acerca do funcionamento da linguagem.

A partir do *Tractatus*, já está claro que Wittgenstein opta por uma filosofia deflacionária, uma filosofia que tira os conceitos do céu e os traz de volta ao mundo. Essa característica levou alguns membros do Círculo de Viena a depreender que o *Tractatus* seria radicalmente antimetafísico e positivista como se tão-somente o conhecimento científico fosse aquele dotado de sentido. Entretanto, como demonstrado, o próprio Wittgenstein deixa claro que a questão do sentido não se limita à ciência, mas escapa à linguagem, à lógica e, portanto, ao mundo enquanto totalidade dos fatos.

O sentido da vida, da ética, do mundo e de Deus é o inefável, o indizível, é o místico. Ele não é captado e expresso proposicionalmente, mas contemplado no silêncio; não é objeto de teoria, mas experiência subjetiva; é, nesse sentido, uma vivência (*Erlebnis*).

Referências

- BARRETT, C. *Ética y creencia religiosa en Wittgenstein*. Madrid: Alianza, 1994.
- FOGELIN, R J. *Wittgenstein*. 2ª ed. London: Routledge, 2004.
- FREGE, G. *Investigações de Lógica*. Organização, tradução e notas de Paulo Alcoforado. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- GRANGER, G. G. *et.al. Filosofia Analítica*. Trad. Jorge Manuel Pereira Fernandes Pires. Lisboa: Gravidia, 1985.
- MARQUES, E. *Wittgenstein & o Tractatus*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- OLIVEIRA, M Araújo de. *Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea*. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- PEARS, D. *As ideias de Wittgenstein*. Trad. Octanny Silveira de Mota e Leonidas Hegenberg. São Paulo: Cultrix, 1973.
- PINTO, P. R. M. *Iniciação ao silêncio: Análise do Tractatus de Wittgenstein*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- QUINE, W. V. O. *Palavra e Objeto*. Trad. Sofia Stein & Desidério Murcho. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- SHANKER, S. G. "Introduction: The Philosophical Significance of the *Tractatus*". In: *Ludwig Wittgenstein: Critical Assessments*. Edited by Stuart Shanker. V1. London: Routledge, , p. 16-33, 1997.

- STENIUS, E. *Wittgenstein's Tractatus: A critical exposition of the main lines of thought*. Bristol (UK): Thoemmes, 1996.
- WAISMANN, F. *Wittgenstein und der Wiener Kreis*. Frankfurt: Suhrkamp, 1989.
- WITTGENSTEIN, L. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Trad. Luiz Henrique Lopes dos Santos. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.
- ZILLES, U. *O racional e o místico em Wittgenstein*. 3ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.